

## Editorial

O número 35 da revista ARTEFILOSOFIA é um dossiê comemorativo do centenário do Instituto para Pesquisa Social (*Institut für Sozialforschung, IfS*), mais conhecido na história da filosofia, por sua localização geográfica, pelo nome de Escola de Frankfurt. Nas comemorações dos cem anos do Instituto tem havido discussões sobre a data a ser comemorada, 1923 ou 1924? Ambas nos parecem adequadas. Na Universidade Federal de Ouro Preto, o Departamento de Filosofia realizou uma jornada em 2023 e em 2024 lança essa edição da ARTEFILOSOFIA, ambas comemorando a data.

Em 1923, após alguns anos de diálogos, foi autorizada a fundação do Instituto para Pesquisa Social, como instituição acadêmica da Universidade de Frankfurt. No ano seguinte, em 22 de junho de 1924, na presença do Prefeito de Frankfurt, de representantes do Ministro de Ciência, Arte e Educação, do Presidente, e de outros líderes do Estado e autoridades municipais, teve lugar a cerimônia de abertura do Instituto para Pesquisa Social, com a inauguração do edifício, cuja construção foi financiada por Felix Weil, com a finalidade explícita de estudar o pensamento de Marx.

Nessa homenagem, desejamos destacar os elos existentes entre a fundação do Instituto em Frankfurt com o hoje chamado *Global South*: Felix Weil era filho de Hermann Weil, rico comerciante de grãos na Argentina, que – influenciado pelo filho, que estudava marxismo com Karl Korsch – financiou a construção da sede e, por longo tempo, fez doações à Universidade de Frankfurt.

O primeiro diretor do Instituto para Pesquisa Social foi Carl Grünberg, professor de economia política na Universidade de Viena. Entre os primeiros alunos da instituição estavam Hans Gerth (posteriormente professor na

Universidade de Wisconsin), Paul Baran (mais tarde um dos nomes principais da publicação marxista *Monthly Review*) e Oscar Swebe (depois destaque no jornal anarquista inglês *Freedom*).

Na década seguinte, devido ao estado de saúde de Grünberg, Max Horkheimer foi convidado a assumir a direção do Instituto para Pesquisa Social e oficializado no cargo em outubro de 1930. Horkheimer deu um novo tom à instituição, baseado na esperança de que transformações reais – em oposição a ideologias transfiguradoras – poderiam ser os meios de trazer a razão ao mundo instrumentalizado. O entrelaçamento entre o jovem Marx (dos *Manuscritos*) e o velho Freud (de *O futuro de uma ilusão*), deu origem a uma versão mais ampliada do materialismo marxista e da teoria psicanalítica freudiana. A nova corrente, no início conhecida pelo nome de freudo-marxismo, foi a marca distintiva da geração da segunda década do Instituto para Pesquisa Social.

De acordo com Martin Jay, foi enorme a audácia dos primeiros teóricos responsáveis pela proposta do “improvável matrimônio de Freud e Marx” (cf. *Dialectical Imagination*). Jay chama atenção para o fato de, entre os marxistas, apenas Trotsky ter se mostrado favorável à psicanálise: mas, em 1923, sua voz não era mais escutada nos círculos comunistas, onde baixou um tabu sobre Freud e adotou-se teorias pavlovianas. Erich Fromm, Friedrich Pollock, Leo Löwenthal, Theodor Wiesengrund-Adorno e Herbert Marcuse fizeram parte dessa “segunda geração” marxista-freudiana, atualmente, muitas vezes, considerada como a primeira geração da Escola de Frankfurt. Talvez por ter sido a responsável pelo estabelecimento da forma de pensamento denominada “Teoria Crítica”, nomeação adotada para caracterizar a teoria capaz de, nas palavras de Marcuse (em “Filosofia e Teoria Crítica”), ser “crítica de si mesma e das forças sociais construtoras de sua própria base”.

A denominação “Escola de Frankfurt” surgiu fora do Instituto de Pesquisa Social e foi adotada por seus membros. A multiplicidade de pensamento desenvolvida pelos diversos pesquisadores pode colocar em questão o uso do termo “escola”, em sentido estrito, para nomear o grupo e sua multifacetada produção. Mesmo assim, o termo tornou-se parte da história desse grupo e, apesar das incontestáveis distinções entre seus membros, pode ser justificado por ter algumas das características atribuídas ao termo “Escola” presentes no Instituto: uma moldura institucional, um programa teórico, um novo paradigma e uma revista de divulgação das pesquisas. A “Escola de Frankfurt” é, na história da filosofia, o lugar (não necessariamente situado em um ponto geográfico) de criação e desenvolvimento da Teoria Crítica, baseada no entrelaçamento do materialismo marxista com as teorias freudianas da psique. Inclusive, um dos mais notáveis filósofos considerado “crítico”, Walter Benjamin, nem frequentava a Escola de Frankfurt.

Assim sendo, a distinção do modo de pensar proposto a partir do Instituto de Pesquisa Social mereceu esse nome próprio, “Teoria Crítica”, reconhecido nas histórias da tradição filosófica, tanto por adesão como por recusa, como parte irreduzível. Na presente edição, artigos refletem a atualidade da Teoria Crítica, considerando diversos filósofos. Na medida do possível, tentamos agrupá-los tematicamente e fechamos este número com o poema-canção de Boris Vian – atual na crítica à guerra – e uma (também bastante crítica) obra de arte visual do coletivo flo6x8.

Agradecemos a quem compareceu com texto, a quem traduziu, a quem deu os anônimos pareceres, ao auxílio técnico de Marcos Eduardo de Souza, à secretária Néia Guimarães, do Programa de Pós-Graduação do DEFIL/UFOP, e à International Herbert Marcuse Society, na figura de Andy Lamas, por auxílios diversos e apoio constante. Esse número foi composto

graças ao trabalho essencial e necessário de Nathália Barroso, Diego Aurélio, Floki Magalhães, Gabriel Dias, Pablo Furtado e Julia Toscano, estudantes do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Ouro Preto.

Muito obrigada e boa leitura!

Imaculada Kangussu  
Editora de ARTEFILOSOFIA

Ouro Preto, 15 de junho de 2024